

A FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA DE PAUL RICOEUR

Candice Angélica Borborema de CARVALHO*

VALLÉE, M.-A. (Org.). **Du texte au phénomène**: parcours de Paul Ricoeur. Paris: Mimésis, 2015. 188 p.

A extensa atividade intelectual de Paul Ricoeur (1913-2005) define-se não apenas pela abrangência de assuntos (são temas de ordem e alcance diversos), mas também pela reproposição deles, uma vez que o filósofo recupera constantemente o núcleo de seu pensamento para reorientar e ampliar a formulação. Em razão dessa abrangência, fundamentada no diálogo com as mais variadas correntes do pensamento, sua obra apresenta dificuldades que não favorecem uma visão do conjunto. Como observa Marc-Antoine Vallée (2015) na abertura da coletânea *Du texte au phénomène*, são inúmeros os obstáculos que encontramos num pensamento denso, minucioso e deliberadamente fragmentário como o desse *philosophe de tous les dialogues*, cuja exigência em descrever rigorosamente os fenômenos o empurra a multiplicar as abordagens, empreender escólios, questionar diferentes métodos, confrontar interpretações.

Sob perspectivas diversas, os textos reunidos na coletânea contemplam os temas mais salientes de que trata a fenomenologia hermenêutica de Paul Ricoeur. O volume compõe-se de nove ensaios, que se deixam agrupar em três núcleos de abordagem, a saber: a dimensão corporal e/ou carnal da ontologia da compreensão, os pressupostos e funcionamento da hermenêutica, a concepção de ipseidade.

No ensaio de abertura, “Penser la chair avec Ricoeur: entre phénoménologie et herméneutique”, Richard Kearney reconstitui as fases que se sucederam na trajetória de Paul Ricoeur. Nos anos 1950, a influência da fenomenologia transcendental de Edmund Husserl e da ontologia existencial de Gabriel Marcel marca as publicações iniciais do filósofo. Inspirado na fenomenologia do corpo (desenvolvida por Husserl e Merleau-Ponty), na ideia de encarnação de Marcel e nas análises do *cogito* encarnado de Maine de Biran, Ricoeur elabora asserções promissoras acerca da significação carnal em sua tese de doutoramento, *Le volontaire et l'involontaire* (1950), primeiro volume do tríptico *Philosophie de la volonté* (1950-1960). A partir

* UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Araraquara – SP – Brasil. 14801-901 – candicedecarvalho@uol.com.br

dos anos 1960, sem perder de vista os fundamentos do pensamento husserliano, suas reflexões desviam dessa fenomenologia seminal rumo a uma hermenêutica ontológica mediada pela linguagem. Mostrando como essas duas fases dialogam com escritos mais tardios de Ricoeur, em particular *O si-mesmo como outro* (*Soi-même comme un autre*, 1990), o objetivo do artigo é desenvolver o conceito de hermenêutica carnal.

Os dois ensaios subsequentes ampliam a reflexão sobre o sentido da presença carnal do homem no mundo. “Mémoire involontaire et apprentissage de la vérité: Ricoeur relit Proust”, de Jeanne Marie Gagnebin, aborda *Tempo e narrativa* (*Temps et récit*, 1983-1985), trilogia na qual, ao lado de *A metáfora viva* (*La métaphore vive*, 1975), a literatura se faz um pensamento exploratório da ontologia da compreensão ricoeuriana. A hipótese sustentada pelo filósofo é de que há uma reciprocidade entre o ato de narrar e o caráter temporal da experiência humana. Trata-se de mostrar que a narrativa constitui o meio privilegiado pelo qual a experiência temporal do homem se configura. O cruzamento da teoria do tríplice presente das *Confissões* de Santo Agostinho com a teoria do *muthos* (intriga ou trama) como *mimesis praxeos* (representação da ação) da *Poética* de Aristóteles expõe ao leitor os dois conceitos fulcrais do livro, quais sejam: tempo e *mimêsis*. Mais do que uma estrutura estática, o *muthos* é a *estruturação da intriga* (*mise en intrigue*).

O primeiro volume da trilogia estuda as particularidades da narrativa histórica, matéria que seria retomada pelo filósofo no livro *A memória, a história, o esquecimento* (*La mémoire, l'histoire, l'oubli*, 2000). O segundo volume examina os diferentes tipos de análises estruturais da narrativa de ficção (pesquisas de Propp, Bremond e Greimas) e os domínios fundamentais da constituição da narrativa: a ordenação, as relações entre o tempo da narração (*temps du raconter/Erzählzeit*) e o tempo do narrado (*temps raconté/erzählte Zeit*), sobretudo a partir dos conceitos de Harald Weinrich e Günter Müller; o ponto de vista (foco narrativo); a voz narrativa (ato de narrar). Essas noções desembocam nas análises da experiência temporal dos romances de Virginia Woolf (*Mrs. Dalloway*), Thomas Mann (*A montanha mágica*) e Marcel Proust (*Em busca do tempo perdido*). O terceiro volume reúne os resultados dos dois primeiros e aprofunda as interações entre o texto e o leitor. O contraste entre a narrativa ficcional (*le récit de fiction*) e a narrativa histórica (*le récit historique*) resulta na teoria da identidade narrativa, segundo a qual a ficção teria um papel revelador e transformador na coesão da vida. Esse tema seria retomado e ampliado em *O si-mesmo como outro*, indicando a relação entre a problemática do tempo e a questão da identidade. Recuperando essas linhas centrais da teoria do tempo formulada por Ricoeur, Gagnebin sublinha as forças e as fraquezas da análise da experiência temporal de *Em busca do tempo perdido*. Ela sustenta que o filósofo não teria insistido suficientemente na dimensão corporal da memória, crucial nas descrições proustianas.

Luis António Umbelino contribui com “La mémoire, l’espace, l’oubli”. Articulando *Tempo e narrativa* e *A memória, a história, o esquecimento*, o objetivo do artigo é empreender uma hermenêutica do espaço que complete a interpretação da temporalidade através das relações entre tempo, narrativa, memória e história. Noutros termos, trata-se de mostrar que a memória não constitui uma experiência exclusivamente temporal, mas que ela possui igualmente uma dimensão espacial importante.

Os três ensaios subsequentes focalizam os pressupostos e fundamentos do projeto hermenêutico de Paul Ricoeur. Em “Le conflit des herméneutiques”, Marc de Launay avalia criticamente as diferentes concepções hermenêuticas da história e do texto desenvolvidas na ontologia da compreensão ricoeuriana. Partindo do ensaio “Renunciar a Hegel” (sexto capítulo do terceiro volume de *Tempo e narrativa*), que expõe a recusa ao ideal de uma mediação total da história representada pela filosofia hegeliana e se aproxima da mediação aberta desenvolvida por Reinhart Koselleck, o autor sustenta que o propósito ecumênico de conciliar diferentes linhagens da filosofia da interpretação não teria sido mantido até o fim por Ricoeur.

“Premières approches de la question ontologique chez Ricoeur”, de Marc-Antoine Vallée, traz considerações sobre a distinção entre “via curta” e “via longa” esboçada na primeira coletânea hermenêutica do filósofo, *O conflito das interpretações (Le conflit des interprétations. Essais d’herméneutique I, 1969)*. Em contraste com a “via curta” (ontologia da compreensão ao modo de Heidegger, herdada por Gadamer, que rompe com as exigências metodológicas da exegese e se aplica diretamente a uma ontologia do ser finito), Ricoeur (que jamais renunciou ao legado metodológico da epistemologia da compreensão de proveniência diltheyana) propõe fundamentar a inserção da hermenêutica na fenomenologia pela “via longa”. Se a existência humana (a situação do sujeito no mundo e seu enraizamento histórico) se exprime na plurivocidade dos símbolos, o acesso à compreensão do si deve passar necessariamente pela elucidação semântica em torno das significações simbólicas. Com base nessa consideração, a ontologia da compreensão exige um desvio que segue os requisitos das ciências que tentam decodificar os signos do homem – as quais incluem o método crítico e rigoroso das ciências exegéticas e as disciplinas da suspeita (cujos mestres fundadores são Nietzsche, Marx e Freud), isto é, de denúncia daquilo que se dissimula atrás do sentido ilusório (vontade de poder, relações de classes, inconsciente psíquico) – e, depois, a reflexão. O autor mostra que os pressupostos fundadores dessa dinâmica circular da compreensão, caracterizada pelo estatuto indireto da formulação da existência humana, se encontram em germe nas abordagens de cunho reflexivo e existencial desenvolvidas nas primeiras obras de Ricoeur, *Karl Jaspers et la philosophie de l’existence* (1947), escrita em coautoria com Mikel Dufrenne, e a mencionada tríade *Philosophie de la volonté*.

Em seguida, com apoio nos escritos hermenêuticos posteriores a *O conflito das interpretações*, em “Monde du texte et monde de la vie: deux paradigmes contradictoires?”, Michaël Foessel focaliza a relação entre o mundo do texto e o mundo da vida na poética de Ricoeur. Conforme postula o filósofo, a escrita literária não abole a relação entre a dimensão interna do texto (mundo do texto) e a dimensão referencial (mundo objetivo), mas implica, também, num nível ontológico profundo, em razão do poder incessante de refiguração externa do texto pela leitura, uma nova modalidade de interação com o real: o pertencimento participativo do sujeito ao mundo. O caráter linguístico da experiência permite a compreensão e a transformação do sujeito e seus laços com o mundo que o circunscreve e o constitui. Nesse sentido, mostra Foessel, a leitura não seria uma atividade entre outras, mas uma operação paradigmática pela qual o sujeito hermenêutico encontra um sentido interpelado. Noutros termos, pelo movimento da leitura, o mundo a que a obra se refere na modalidade de ficção (mundo objetivo transfigurado em mundo do texto) se desdobra e também se projeta, por meio da linguagem, para as estruturas gerais da existência humana.

“Pour une généalogie de l’ipséité”, de Carmine Di Martino, e “Identité et ipséité: l’apport de Paul Ricoeur et ses prolongements”, de Claude Romano, apresentam considerações sobre o conceito de ipseidade desenvolvido em *O si-mesmo como outro*, ao passo que, mediante o diálogo das linhas centrais desse mesmo livro com a trilogia *Tempo e narrativa*, “Histoire, vérité, ipséité: le pouvoir de l’attestation”, de Aníbal Fornari, traça um paralelo percuciente entre os pensamentos de Paul Ricoeur, Hannah Arendt e Santo Agostinho em torno do tema do nascimento da história, sublinhando o papel central da alteridade no drama político da vida em comunidade, desde os eventos fundadores da comunidade histórica, e no drama existencial da vida individual.

